

LEITURA CRIATIVA: A TRANSAÇÃO DO LEITOR HIPERTEXTUAL

Magnolia Rejane Andrade dos Santos¹

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma breve reflexão sobre as múltiplas atividades que envolvem a leitura do hipertexto literário, através do conceito de leitura criativa, proposto a partir da *teoria do Interpretante*, de Charles Sanders Peirce, e de *transação de leitura*, de Louise Rosenblatt. De forma integrada, a comunicação procura abordar dois aspectos da transação do leitor hipertextual: o primeiro consiste na proposição teórica da *leitura criativa* como condição sónica para uma produtiva fruição estética; e o segundo se detém na análise das características interativas do hipertexto literário e de suas potencialidades para o desencadeamento de semiose criativa no pólo da recepção.

PALAVRAS-CHAVES:

LEITURA SEMIOSE INTERPRETAÇÃO

Cabe esclarecer que o presente trabalho apresenta o conceito de *leitura criativa*, resultante dos nossos estudos sobre produtos interpretativos gerados em leituras de poemas visuais. Naquela pesquisa constatamos que a visualidade, ao associar-se com a palavra de maneira não convencional, coloca em evidência que a recepção da obra tem sempre a possibilidade de ir além da mera decodificação semântica e linear das formas tradicionais de leitura. O desejo de observar a ocorrência dessa semiose criativa nos impulsiona à generalização de que o leitor poderá processar uma transação criativa com qualquer tipo de texto, produzindo novos significados através de uma elaboração expressiva singular. Devido à natureza intrínseca do hipertexto, que demanda sempre um papel ativo do leitor para a navegação e, conseqüente, produção de sentidos, temos nessa abertura condições mais que previsíveis para o acionamento de semioses criativas.

A leitura criativa destaca-se como uma fração específica da semiose² interpretativa muito tênue, estreita e fugidia, que é acionada, em geral, na esfera privada de cada leitor e que,

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica - PUC/SP; Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura Brasileira da Universidade Federal de Alagoas. E-mail: magnoliasantos@hotmail.com

² Tome-se no sentido de *ação do signo*.

normalmente, se perde ou é absorvida por outras redes semióticas preponderantes ou mais amplas, nas quais o indivíduo está submerso. No caso da leitura na obra hipertextual, a singularidade é que esses *insights* interpretativos provavelmente não se extraviam, sendo absorvidos pela própria rede sígnica que os originou.

SEMIOSE CRIATIVA

Partindo da teoria do interpretante³ de Charles Sanders Peirce, tomamos a leitura criativa como um processo de semiose original, ou melhor, de geração sígnica desencadeada em função dos efeitos produzidos pelo signo estético no ambiente virtual de transação interpretativa, representado pelo evento de leitura. Neste encontro entre hipertexto, leitor e novos signos e/ou significados, a leitura criativa vai se instaurando como um evento temporal determinado pelas múltiplas interferências entre esses três pólos semióticos equivalentes.

Quando a leitura é tomada como uma relação triádica, tem-se como consequência a perda da ênfase no seu suposto caráter dual, em função do qual se defenderia ou a supremacia do texto sobre o leitor, ou vice-versa. Na perspectiva peirceana, não há a separação cartesiana entre obra e leitor porque este último também é uma instância sígnica. Especificamente, no hipertexto, essa característica é acentuada porque ambos, obra e intérprete, estão conectados por múltiplas redes semióticas. Com isso, a produção do significado passa a ser caracterizada como uma atividade plural e democrática. O que torna válida também para a obra hipertextual, as observações sobre a transação de leitura no texto literário convencional:

O processo de explorar uma resposta evocada é em si mesmo uma experiência de aprendizagem. Ele cultiva um hábito mental que é instigantemente atento e

³ A teoria peirceana do interpretante trata de classes gerais e subdivisões dos efeitos significados dos signos ou dos interpretantes. No caso da pesquisa mencionada, foi operacionalizado o conceito de interpretante dinâmico, isto é, aquele que diz respeito aos efeitos efetivamente produzidos.

democrático. A dinâmica estimula a expressão e o reconhecimento de múltiplos pontos de vista: eles devem ser considerados e reconsiderados entre si; medidos e testados em relação ao texto. E, considerando as reações ao texto, os leitores necessariamente reconsideram suas próprias crenças estruturadas e idéias. Concomitantemente, afirma-se o indivíduo ao se estabelecer a significância e o valor de cada pessoa, bem como ao se elevar o nível de autoconfiança. Com tudo isso, o foco humanista da literatura emerge fortalecido nesse processo(Karolides, 1992: 31).

A partir da implicação política dessa abordagem multifacetária da leitura, a educadora americana Louise Michelle Rosenblatt (1978) desenvolveu seu conceito aplicado de transação de leitura como uma relação dinâmica de interconexão entre texto e leitor numa situação efetiva de leitura. É no exato momento em que essa transação ocorre que o texto torna-se poema em uma ação sónica produtora de efeito estético:

Desde 1938, o modelo de Peirce tem sido suporte para minha visão transacional da linguagem. Eu entendia que a linguagem é um produto social. No entanto, eu via a linguagem sempre individualmente internalizada em transações com o ambiente em determinados momentos e sob determinadas circunstâncias sociais e culturais. Cada indivíduo, seja ele um locutor, ouvinte, escritor ou leitor, trás para a transação uma bagagem lingüística e vivências pessoais, que correspondem ao resíduo de transações passadas com a vida e a linguagem (Rosenblatt, 1994: 182).

Assim sendo, é sob a influência peirceana, entre outras, que Rosenblatt aprofunda sua reflexão sobre as questões da leitura no que diz respeito ao aprendizado da língua e da literatura, dando origem a sua teoria transacional do texto literário. Na nossa investigação inicial, os

pressupostos de tal teoria foram operacionalizados em diálogo como a teoria do interpretante, com o objetivo de operacionalizar o conceito de leitura criativa, aplicada às atividades interpretativas de poéticas visuais brasileiras. Só agora, depois de constatada a viabilidade no primeiro caso, nos propomos a utilizar tal teoria para investigar a leitura processada no hipertexto literário.

Basicamente, é suficiente dizer como a teoria transacional aborda as várias possibilidades de leitura e o papel do leitor na transação interpretativa. Em primeiro lugar, dentro da lógica da continuidade sónica, a leitura é analisada por Rosenblatt como um evento que acontece em determinados momentos de um *continuum*. No hipertexto, cada momento de transação é único, com seus percursos diferenciados, originando novos recursos e discursos na cadeia interpretativa de cada leitor individualmente.

Dependendo de diversos fatores, esta leitura, pode ter uma predominância eferente/informativa ou estética. Sem pretender estabelecer uma dualidade absoluta, a teoria da transação de leitura sugere que esses dois tipos de leitura - eferente e estética - podem ser localizados idealmente em pontos polares daquela linha contínua, possibilitando assim que se instaure a idéia de gradação entre os inúmeros tipos de leitura, possíveis e passíveis de ocorrência no intervalo entre esses dois extremos:

O processo de leitura parece representar um “continuum” de atitudes potenciais.

*Uma complexa obra de arte, como **Hamlet** ou um poema de Blake, pode ser colocado em um ponto extremo desse “continuum”, onde a atenção do leitor é focalizada diretamente naquilo que ele está vivenciando na sua relação com o texto. No outro extremo do “continuum” seria colocada a leitura do texto onde a atenção é dirigida para o seu valor instrumental em termos de informação para ser assimilada ou operacionalizada. Colocando desta forma, evita-se a implicação de que textos*

possuem valores absolutamente poéticos ou científicos; e, sendo assim, que, a relação entre leitor e texto, resultaria em um ou outro tipo de leitura. Assim, não existe uma separação entre esses tipos de leitura, mas sim uma continuidade. Qualquer leitura particular está situada em um ponto entre esses extremos, que reflete a natureza da atividade e o foco de atenção, que a conjugação do leitor com texto produziram (Rosenblatt, 1978: 130).

Outro ponto importante é a discussão sobre o papel do intérprete na leitura, sendo este um dos pilares da teoria transacional. Essa abordagem considera ilusória a pretensa passividade do leitor. As atividades do mesmo, no encontro com o texto, são múltiplas, envolvendo ações inconscientes e conscientes de síntese, organização, seleção do ponto de vista da leitura, dos elementos importantes do texto e do tipo de resposta a ser produzida.

A propósito, essas atividades do intérprete são tão importantes que Rosenblatt chega a sugerir que *talvez grande parte do prazer estético consista na satisfação derivada de uma variedade de tipos de atividades e que o principal propósito do leitor é participar o máximo nas potencialidades do texto (Rosenblatt, 1978:69).* Da perspectiva das poéticas virtuais, nossas hipóteses pressupõem que o desencadeamento da leitura criativa, ocorre com a participação ativa do leitor, configurando-se como condição essencial para o seu engajamento no processo de produção de respostas estéticas. Se o leitor não tiver o repertório semiótico adequado e se não estiver predisposto a aderir ao convite de contrato proposto pelo texto, muito pouco ele poderá fazer para levar adiante a semiose interpretativa e criativa das obras hipertextuais, por mais abertas que elas sejam. Comparando o hipertexto a um labirinto, Neitzel(http://geocities.yahoo.com.br/ciberliteratura/tese/oleitor_1_3_1.htm) diz que *uma leitura*

labiríntica exige, no mínimo, um leitor paciente e curioso, disposto a participar da construção da obra.

TRANSAÇÃO CRIATIVA HIPERTEXTUAL

A partir do que foi acima exposto, os estudos sobre os processos de comunicação literária, considerando o pólo ativo e criativo da recepção, nos levou ao enfoque de como os meios eletrônicos e digitais têm contribuído para valorizar o caráter interativo da leitura, principalmente no que diz respeito às produções literárias genuinamente virtuais, isto é, que nascem já configuradas como hipertexto..

O cânone literário há muito não aprisiona mais, em seu universo conceitual, o conjunto das produções literárias contemporâneas, que já não possuem características rígidas e pré-determinadas. Conceitos como interface, interatividade, hipertexto, hipermídia, virtual, ciberespaço, cibercultura, ciberliteratura, entre outros, estão reconfigurando toda a nossa sociedade, não só em termos econômicos, políticos e sociais, como também em relação aos processos de criação artística, cultural e literária.

Para Correia e Andrade(<http://www.facom.ufba.br/hipertexto/nbasicas.html>), "se a hipertextualidade não é uma "invenção" moderna já que encontram-se alguns registros históricos dessa estrutura narrativa em obras na Ciência, na literatura e na Filosofia, ela ganha impulso com o avanço da crescente ação dialógica entre o homem e a técnica. Tomando a concepção de hipertextualidade como ponto de convergência de outros conceitos, constatamos que ela revela os limites e por isso mesmo, a falência do discurso tradicionalmente lógico, acabado, fechado em si. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento humano".

Como podemos constatar, a reflexão sobre o papel ativo do leitor está inserida em uma discussão mais ampla, cuja conjuntura extrapola uma perspectiva tradicional de estudos literários. O hipertexto como possibilidade de leitura não linear, aleatória, pode-se dizer sempre esteve presente no discurso literário, porém, vivemos um tempo em que essa característica exacerba-se em função da mediação tecnológica. Eis, então, a justificativa para explicarmos como nosso fazer investigativo está sendo redirecionado para o estudo da literatura, tendo como suporte o hipertexto digital.

Referências bibliográficas:

- KAROLIDES, Nicholas J., ed. *Reader response in the classroom: evoking and interpreting meaning in literature*. Nova York: Longman, 1992.
- ROSENBLATT, Louise M. *The reader, the text, the poem: transactional theory of the literary work*. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1978 e 1994.
- SANTOS, Magnolia Rejane Andrade dos. *Leitura de poéticas visuais: gênese, transformações e criação*. São Paulo: PUC/SP, 1996. Tese de doutorado .